

HISTÓRIA, MEMÓRIA E AUTORITARISMO EM LA EXCAVACIÓN ¹

*Paulo Alves Pereira Júnior*²

RESUMO:

Conhecido por suas obras que apresentam uma evolução estilística onde ocorre a fusão do espanhol e guarani e por pertencer ao “boom” latinoamericano (movimento literário que teve início nas décadas de 1960 e 1970, onde se destacam elementos políticos e sociais, devido ao contexto histórico da América Latina na época), Augusto Roa Bastos (1917 – 2005) também escreveu contos e romances com estruturas onde se percebem elementos políticos e sociais relacionados com a política paraguaia do século XX (Guerra do Chaco, Revolução Civil de 1947 e Regime Militar de Stroessner). Roa Bastos ficou exilado por décadas e só regressou ao país em 1989, com o fim do regime stronista. O presente trabalho relaciona o conto “La excavación”, pertencente à obra *El trueno entre las hojas* (1953), com a posição política de Roa Bastos e a denuncia ao autoritarismo e as estruturas políticas no Paraguai.

Palavras-Chave: História – Literatura – Paraguai.

Área: História

¹Comunicação apresentada no VI Encontro Internacional de Letras - A formação do professor de letras: desafios e perspectivas, realizado entre os dias 06, 07 e 08 de dezembro de 2012, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus de Foz do Iguaçu.

²Graduando de história pela Universidade Federal da Integração Latino – Americana (UNILA). E-mail: paulo.junior@unila.edu.br

INTRODUÇÃO

Augusto Roa Bastos nasceu em 17 de junho de 1917. Contista, romancista e poeta, marcou profundamente a literatura paraguaia e, devido ao seu trabalho, foi reconhecido mundialmente pelo seu estilo literário ao receber o Prêmio Miguel de Cervantes, maior reconhecimento para a literatura de língua espanhola, no ano de 1989. Autodidata, abandonou os estudos e começou a compor sonetos e poemas inspirado por Lope de Vega. Sua primeira obra é um livro de poemas intitulado *El naranjal ardiente* (1949). Logo após, escreve *El trueno entre las hojas* (1953) e mais tarde *Yo, el Supremo* (1974), conhecido por ser sua obra-prima. Também escreveu *El Baldío* (1966), *Moriciencia* (1969), *La vigília del almirante* (1992) e *El fiscal* (1993).

Com apenas 15 anos, participou da Guerra do Chaco (1932-1935), conflito que aparecerá em muitas de suas obras. Com a Guerra Civil de 1947, é exilado na Argentina. Na década de 1970, com o início do regime militar argentino (1976-1983), parte para a França. Retorna em 1989, após o fim do regime stronista (1954 - 1989). Morreu no ano de 2005, deixando uma vasta obra.

A análise do conto "La excavación" segue as estruturas metodológicas de Antonio Candido, existentes no ensaio "Crítica e sociologia", da sua obra *Literatura e Sociedade* (1965), na qual propõe uma "(...) interpretação dialeticamente íntegra" (CANDIDO, 1973, p. 4), onde elementos externos (políticos, sociais, históricos) são incorporados na estrutura interna, criando uma fusão de texto e contexto. Os elementos biográficos do autor só são utilizados quando sejam realmente indispensáveis para esclarecer lacunas interpretativas.

Além disso, serão utilizados os conceitos de tempo e espaço propostos por Anatol Rosenfeld em seu ensaio "Reflexões sobre o romance moderno", de sua obra *Texto/contexto I* (1969), onde lembra que os "(...) romances mais famosos do nosso século procuram assinalar não só tematicamente e sim na própria estrutura essa 'discrepância entre o tempo no relógio e o tempo na mente' (...)" (ROSENFELD, 1996, p. 82).

1. A GUERRA DO CHACO E A REVOLUÇÃO CIVIL DE 1947

A Guerra do Chaco (1932 - 1935) foi um conflito armado entre Paraguai e Bolívia pelo controle da região do Chaco Boreal, onde supostamente havia petróleo. O Chaco Boreal, região entre a Cordilheira dos Andes e o Rio Paraguai, pertencia à Bolívia durante o Vice - Reinado do Rio da Prata. Com a independência do Paraguai e da Bolívia, a região manteve-se em litígio. Desde o final do século XIX até o começo do XX, foram feitas quatro tentativas de acordos limítrofes, porém rejeitados pelos dois países (YEGROS, 2010, p.235

– 236). Bolívia visava, através da ocupação da região do Chaco, o acesso ao Oceano Atlântico via Rio Paraguai. É interessante destacar que a Bolívia perdeu seu acesso ao Oceano Pacífico para o Chile na Guerra do Pacífico (conflito bélico onde Chile enfrentou Bolívia e Peru, ocorrido entre 1879 e 1883, motivado, principalmente, pela posse de uma área inabitada no norte do deserto do Atacama rica em minérios).

Em 1932, Bolivianos invadiram o território paraguaio, fazendo com que o país guarani declarasse guerra à Bolívia. A disputa pela região do Chaco atendia aos interesses da companhia estadunidense Standard Oil, que atuava na Bolívia (Moraes, 2000, p. 26). Além da possível existência de petróleo, o objetivo do controle da região do Chaco Boreal era permitir o acesso ao oceano Atlântico, através do Rio Paraguai. O Paraguai, com um então governo liberal, saiu vitorioso, mas o descontentamento popular aumentou, culminando no golpe de Estado do recém-formado Partido Febrerista.

O conflito criou no Paraguai uma conjuntura revolucionária que teve como objetivo mobilizar todas as correntes contrárias ao governo liberal (MORAES, 2000, p. 27). Logo após a guerra, a situação política do Paraguai torna-se caótica. O Partido Liberal perde a popularidade e, no ano de 1937, o coronel Rafael Franco (veterano da Guerra do Chaco) dá um golpe de Estado. Assim, os febreristas assumiram o poder no país.

O Partido Revolucionário Febrerista surgiu decorrente ao Movimento Febrerista, que defendia questões como a reforma agrária e a industrialização no Paraguai. Encerrando com mais de trinta anos de domínio do Partido Liberal, os febreristas ficaram no poder por dezoito meses, quando os liberais deram um golpe militar, retomando ao poder até 1940 (SILVA, 2006, p. 43). No lugar de Franco, assumiu o general José Félix Estigarribia (após ganhar as eleições, no ano de 1939, como candidato único), que propõe grandes medidas econômicas e sociais para o Paraguai. O presidente morre em um acidente de avião em 1940, dando uma nova etapa na vida política do país.

Higinio Morínigo assumiu em 1940, logo após a morte de Estigarribia. Logo no início de seu governo, o novo chefe de Estado deu ordem de prisão a todos os colaboradores liberais de Estigarribia. A base do seu regime se manteve através da ordem, da disciplina e da hierarquia. Em seu governo, Morínigo deixou de lado os grandes partidos, onde adotou uma política personalista. Também radicalizou o Partido Colorado, criando um grupo chamado Guión Rojo, que tinha como característica o nacionalismo exacerbado e o alto corporativismo, inspirados no Fascismo (CROCETTI, 1997, p. 1091 – 1094). Além disso, o ditador suspendeu a constituição e proibiu os partidos políticos, assim vários movimentos sociais pediam a sua deposição. No ano de 1946, após o fim da Segunda Guerra, adotou medidas como a liberdade de expressão, o retorno

dos exilados políticos e a formação de um governo de coalizão (Partido Colorado e Partido Liberal).

O governo de Morínigo se aliou ao Partido Colorado (e seu grupo paramilitar - Guión Rojo) para uma tentativa de golpe de Estado em 1946. Em 1947, o Partido Febrerista forma uma coalizão com o Partido Liberal e o Partido Comunista Paraguaio contra Morínigo. Os febreristas, ao atacarem uma delegacia e um colégio militar, dão início à Guerra Civil. Com mais homens e armamentos, o ditador e os colorados saíram vitoriosos. O Partido Colorado tomou o poder, dando um golpe de Estado, assumindo o general colorado Manuel Frutos.

2. AUGUSTO ROA BASTOS: POLÍTICA E LITERATURA

Diante da falta de liberdade de expressão logo após a Revolução de 1947 e com a ascensão do Partido Colorado ao poder, Augusto Roa Bastos se exila na Argentina onde se dedica a escrever obras com estruturas políticas e sociais. Dois trabalhos conhecidos que seguem essas estruturas são o conto "La excavación", publicado no livro *El trueno entre las hojas*, de 1953, e o romance *Yo, el Supremo*, publicado em 1974. O conto denuncia as torturas e condições dos prisioneiros políticos no Paraguai durante a Guerra Civil de 1947 e o romance revela os horrores do regime militar de Alfredo Stroessner ao evidenciar a ditadura de José Gaspar Rodríguez de Francia (1814 – 1940).

Entretanto, a posição de Roa Bastos contra o stronismo é refutável. Logo após Stroessner dar um golpe de Estado (tirando do poder o colorado Federico Chavez) em 1954, Roa Bastos publica um poema no jornal *El País*, de Assunção, no dia 20 de agosto, dedicado ao encontro de Stroessner e Juan Perón (presidente da Argentina). No poema intitulado *Eternamente Hermanos*, Roa Bastos exalta a figura do general Stroessner.

Stroessner y Perón sellan su abrazo
con la emoción creadora de los hombres
que vencen el destino y hacen en la historia
a golpes de verdades vivientes como himno
de los hombres.

Venid y ved, pueblos del mundo, como el
peso de la espada es justiciero cuando se
yergue en defensa de la paz y su eje de
diamante busca lo vertical de la esperanza!

En sus hombros soldados en sus pueblos
de paz, en su destino común de patrias enlazadas,
Paraguay y Argentina están unidos de corazón a
corazón, hermanos para siempre, eternamente...

(SANTACRUZ, 2008, p. 129).

Roa Bastos partiu para o exílio após a Revolução de 1947, e continuou exilado durante o stronismo por suas críticas contrárias ao regime. O escritor, como diversos intelectuais de sua época, viu na ascensão de Stroessner uma possível abertura política e uma nova forma de governo que acabaria com a instabilidade política do país (LOPEZ, 2011, p. 468 – 469). Vale lembrar que Stroessner dava para seu governo um ar democrático. Com o passar do tempo, os paraguaios (e o resto do mundo) viram que o governo de Stroessner era uma sangrenta ditadura.

Em *Yo, el Supremo*, Roa Bastos, em um determinado trecho, destaca a Guerra do Chaco e a Revolução de 1947. Fica claro nesse trecho a experiência pessoal do autor e a sua visão sobre o futuro político de seu país.

A guerra com a Bolívia estourou no Chaco. Começou a mobilização que levou à frente de combate até os anões. Para nós a guerra era um festejo contínuo. Que durasse toda a vida. (...) Nas vésperas do Êxodo que começou em março de 1947, fui visitar Raimundo. Não lhe sobravam já senão pele e ossos. (...) Escarrou uma bola de sangue na parede. Com voz de anão continuou: - Vai chover pelo menos outro século de má sorte sobre este país. Isto se sente no ar. Vai morrer muita gente. Muita vai embora para não voltar mais, o que é pior do que morrer (ROA BASTOS, 1981, p. 213 – 214).

Quando Roa Bastos, na figura de Raimundo, diz que morrerão várias pessoas e que muitos paraguaios irão embora, está evidenciando os acontecimentos que ocorreram após a ascensão do Partido Colorado ao poder. Torturas, perseguições e exílios se tornaram frequentes nessa época. A partir desse, e de outros exemplos que aparecem em romances e contos do escritor paraguaio, fica nítida a estrutura política existente nas obras de Augusto Roa Bastos.

3. MEMÓRIA E AUTORITARISMO EM “LA EXCAVACIÓN”

Perucho Rodi, veterano da Guerra do Chaco, é um dos prisioneiros políticos do período da Revolução Civil de 1947. Junto com outros 70 prisioneiros, Rodi divide uma cela minúscula e insalubre chamada 4-Valle’i (em guarani: Pequeno Vale), onde ele e os presos eram torturados.

Entre tanto, habían fallecido, por diversas causas, no del todo apacibles, diecisiete de los ochenta y nueve presos políticos que se hallaban amontonados en esa inhóspita celda, antro, retrete, ergástula pestilente, donde en tiempos de calma no habían entrado nunca más de ocho o diez presos comunes. De los diecisiete presos

que habían tenido la estúpida ocurrencia de morirse, a nueve se habían llevado distintas enfermedades contraídas antes o después de la prisión; a cuatro, los apremios urgentes de la cámara de torturas; a dos, la rauda ventosa de la tisis galopante. Otros dos se habían suicidado abriéndose las venas, uno con la púa de la hebilla del cinto; el otro, con el plato, cuyo borde afiló en la pared, y que ahora servía de herramienta para la apertura del túnel (ROA BASTOS, 1997, p.77).

A prática da tortura, utilizada pelos governos autoritários, é basicamente a eliminação da liberdade individual. A obra Brasil: nunca mais, ao denunciar a utilização da tortura durante o regime militar brasileiro (1964-1985), coloca que a tortura integrou o sistema repressivo criado pelo Estado Nacional, com a intenção de reprimir os direitos e as liberdades das pessoas contrárias ao regime vigente, como parte essencial da manutenção no poder do grupo dominante (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1985, p. 290). Assim como no Brasil, o Estado paraguaio durante o governo de Morínigo (e os seguintes) utilizava da tortura como parte essencial da repressão contra os presos políticos.

O protagonista do conto participa de duas guerras. A primeira é a Guerra do Chaco: "Recordó aquella otra mina subterránea en la Guerra do Chaco" (Roa Bastos, 1997, p. 79). A segunda é a guerra civil de 1947: "La guerra civil había concluido seis meses atrás" (ROA BASTOS, 1997, p.77). Diante dessa situação insustentável e inspirado em um projeto seu durante a guerra contra os bolivianos, Rodi decide cavar um túnel até o rio.

Passam-se quatro meses de escavação. Enquanto Rodi escava uma parte do túnel, ocorre um desmoronamento. Ele fica soterrado na passagem e, lentamente, perde seus sinais vitais. O protagonista, morrendo de asfixia, começa a delirar. Preso e perdendo a vida lentamente, ele lembra os acontecimentos do passado, quando era oficial da Guerra do Chaco (criando um plano temporal), questionando sua participação no conflito. "La tortura se iba trasformando en una inexplicable delicia. Empezó a recordar" (ROA BASTOS, 1997, p. 79). Rosenfeld lembra que " (...) espaço e tempo, formas relativas da nossa consciência, mas sempre manipuladas como se fossem absolutas, são por assim dizer denunciadas como relativas e subjetivas" (ROA BASTOS, 1997, p. 81).

Ao recordar do passado, Rodi lembra do túnel que cavou no Chaco, "Aquel túnel del Chaco y este túnel que él mismo había sugerido cavar en el suelo la cárcel, que él personalmente había empezado a cavar (...)" (ROA BASTOS, 1997, p. 80), e de suas experiências como soldado, ao mesmo tempo em que morria: "Recordó, un segundo antes del ataque, la visión de los enemigos sumidos en el tranquilo sueño del que no despertarían. Recordó haber elegido a sus víctimas, abarcándolas con el girar aún silencioso de su ametralladora" (ROA BASTOS, 1997, p. 80). O silêncio durante

o conflito, quando o protagonista assassinava os inimigos com sua metralhadora em silêncio, aparece como uma recordação apenas de imagens.

O som é totalmente omitido, pois o silêncio facilitaria a compreensão dos fatos vividos. Assim, ao lembrar esse episódio, a personagem evidencia a imagem de um soldado que "se retorcia en el remolino de una pesadilla" (ROA BASTOS, 1997, p. 80), aqui aparece a imagem de um redemoinho do pesadelo, o que significa que a imagem do soldado sendo morto constantemente voltava a ser lembrado pelo protagonista. A memória, como define Jacques Le Goff, tem a função de "salvar o passado para servir ao presente e ao futuro" (LE GOFF, 2003, p. 471), ou seja, ao recordar os fatos do passado, Rodi estaria se libertando da sua experiência no conflito, com o propósito de questionar suas atitudes durante a guerra e procurar morrer com a consciência "leve".

No fragmento "(...) este túnel y aquél eran el mismo túnel (...)" (ROA BASTOS, 1997, p. 80), podemos observar o desdobramento temporal com a fusão dos níveis temporais proposto por Rosenfeld. O protagonista lembra que o motivo da Guerra do Chaco foi por conta dos interesses estrangeiros, principalmente da empresa petrolífera norte-americana Standard Oil que perfurava em solo boliviano.

Y así sucedía porque era preciso que gente americana siguiese muriendo, matándose, para que ciertas cosas se expresaran correctamente en términos de estadística y mercado, de trueques y expoliaciones correctas, con cifras y números exactos, en boletines de la rapiña internacional (ROA BASTOS, 1997, p. 79).

Totalmente desorientado, Rodi começa a atacar seus amigos (realidade ou devaneio?). Vale lembrar que muitos estudiosos levantam que os paraguaios viam os bolivianos como povos amigos, apesar das desavenças entre eles, por conta da situação política, econômica e social dos dois países serem semelhantes. No final do conflito no Chaco, bolivianos e paraguaios se abraçaram. Nesse trecho, os amigos podem ser tanto os presos políticos da cela quanto os soldados bolivianos.

Al franquear el límite secreto, las reconoció en un brusco resplandor y se estremeció: esas ochenta y nueve caras vivas y terribles de sus víctimas eran (y seguirán siéndolo en un fagonazo fotográfico infinito) las de sus compañeros de prisión. Incluso los diecisiete muertos, a los cuales se había agregado uno más. Se soñó entre esos muertos. Soñó que soñaba en un túnel. Se vio retorcerse en una pesadilla, soñando que cavaba, que luchaba, que mataba. Recordó nítidamente el soldado enemigo a quien había abatido con su ametralladora, mientras se retorció en una pesadilla. Soñó que aquel soldado enemigo lo abatía ahora a él con su ametralladora, tan exactamente

parecido a él mismo que se hubiera dicho que era su hermano mellizo (ROA BASTOS, 1997, p. 81).

A questão da duplicação, do espelho e do infinito aparece no seguinte fragmento "Soño que soñaba (...)", representando um eterno retorno a um labirinto, estrutura presente nas obras de Jorge Luis Borges (1899 – 1986). O túnel representa, segundo o Dicionário de símbolos, o acesso de comunicação, escuro e coberto, subterrânea ou supraterrrestre que conduz, através da completa escuridão, uma superfície de claridade a outra. Também pode ser interpretado como uma via de passagem em rituais de iniciação. Entretanto, o significado que mais se aproxima do enredo do conto é que o túnel é a morada de fantasmas, da angústia, do medo e da espera inquieta (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 915 - 916). Ou seja, preso em um túnel, Rodi estaria revivendo fantasmas do passado, ao lembrar seus feitos na Guerra do Chaco, aliados a uma espera inquieta pela morte, ao perder seus sinais vitais.

O túnel também pode ser aproximado com a figura da caverna, que representa a morte (LEXICON, 2004, p.48- 49). A estrutura do duplo aparece no seguinte fragmento do trecho acima: "(...) tan exactamente parecido a él mismo que se hubiera dicho que era su Hermano mellizo". Clément Rosset em sua obra *O Real e seu Duplo: Ensaio sobre a Ilusão* (1984), onde discute a questão do duplo e da ilusão, mostra os desdobramentos da personalidade dos indivíduos. O real estaria em outro local e essa busca iria de encontro ao duplo, manifestado muitas vezes em diversos elementos, como o espelho, a marionete ou até mesmo em uma projeção idêntica a sua, já que a sua imagem é uma fuga. Esses desdobramentos ocorrem muitas vezes com o medo da morte. Ao se deparar com a morte, o "eu" projeta no "outro" a sua própria imagem, numa forma de salvação. Através dessa questão levantada por Rosset, Rodi ao se deparar com a morte, projeta sua própria imagem nos inimigos, levantando a hipóteses de serem gêmeos (outro símbolo que representa o duplo).

Rodi não consegue resistir e morre. Seu sonho pela liberdade acaba juntamente com o plano dos outros presos. "El sueño de Perucho Rodi quedó sepultado en esa grieta como un diamante negro que iba a alumbrar aún otra noche" (ROA BASTOS, 1997, p. 81). Por conta do desmoroamento, os policiais descobrem o plano de fuga dos prisioneiros e elaboram um plano para eliminar os prisioneiros da cela, tendo como justificativa a tentativa de fuga. Na noite seguinte, os policiais abrem as grades e deixam os prisioneiros fugirem. Ao saírem de suas celas, os oficiais metralham os presos. A versão oficial é de que os presos foram fuzilados pela tentativa de fuga e que somente Rodi conseguiu escapar. Os repórteres são trazidos para relatar os acontecimentos e concordam com a versão oficial. Vale lembrar que, nesse período a imprensa era manipulada pelo governo (essa situação não mudou muito, porém durante os

regimes autoritários era muito forte).

Al día siguiente, la ciudad se enteró solamente de que unos cuantos presos habían sido liquidados en el momento en que pretendían evadirse por un túnel. El comunicado pudo mentir con la verdad. Existía un testimonio irrefutable: el túnel; los periodistas fueron invitados a examinarlo. Quedaron satisfechos al ver el boquete de entrada en la celda. La evidencia anulaba algunos detalles insignificantes: la inexistente salida que nadie pidió ver, las manchas de sangre aún frescas en la callejuela abandonada (ROA BASTOS, 1997, p. 81).

Entretanto, as tentativas de fuga de outros presos continuaram: “Poco después el agujero fue cegado con piedras y la celda 4 (Valle-í) volvió a quedar abarrotada” (ROA BASTOS, 1997, p. 82). Ou seja, o túnel planejando por Rodi e a morte de seus companheiros de cela não conseguiram repreender os outros presos, que tentavam fugir.

Rodi pode ser simbolizado pelas inúmeras vítimas do regime de Morínigo. O desejo de liberdade dos presos (inclusive a do protagonista) é evidenciado no seguinte trecho: “Por allí venía el olor puro de la libertad, un soplo fresco y brillante entre los excrementos” (ROA BASTOS, 1997, p.78). Em meio à situação insalubre em que viviam os prisioneiros, o protagonista, ao olhar para os excrementos, vê a liberdade. O odor se transforma em um aroma puro, fresco da liberdade.

Outra característica que se destaca no conto é a questão do espaço/tempo. Em diversos momentos, a personagem central do conto não sabe se está no passado ou no presente e, por diversas vezes, confunde os dois espaços temporais. Perto de morrer, totalmente desorientado, Rodi “Soñó que soñaba en un túnel. (...) soñando que cavaba, que luchaba, que mataba” (ROA BASTOS, 1997, p. 81). O protagonista não sabe distinguir o passado do presente, ele cavava (presente), lutava (passado), matava (passado ou presente?). Rosenfeld destaca que

A eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço, parece corresponder no romance a da sucessão temporal. A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, “os relógios foram destruídos”. (...) começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro (ROSENFELD, 1996, p. 80).

Ou seja, a estrutura cronológica em “La excavación” se desfaz, fundindo o passado com o presente. Roa Bastos, ao estabelecer esse movimento circular da história, justificando atitudes do passado no presente, estabelece que a história seja cíclica (vale lembrar que ele denuncia o governo Stroessner através das mesmas atitudes adotadas por Francia em seu governo no romance *Yo, el Supremo*). Sobre isso, Rosenfeld diz que o

(...) "tempo mítico" que, longe de ser linear e progressivo (como é o tempo judaico-cristão), é circular, voltando sobre si mesmo. O tempo linear, cronológico, se apaga como mera aparência no eterno retorno das mesmas situações e estruturas coletivas. Na dimensão mítica, passado, presente e futuro se identificam: as personagens são, por assim dizer, abertas para o passado que é presente que é futuro que é presente que é passado - abertas não são para o passado individual e sim o da humanidade (...) (ROSENFELD, 1996, p. 89 – 90).

As estruturas políticas de 1947 são as mesmas do Paraguai na época da Guerra do Chaco (década de 1930), pois, segundo Roa Bastos, não foram modificadas. Quanto ao significado do túnel, este representaria a estrutura política do Paraguai. Ao escavarem o túnel, os presos estariam criando brechas no sistema e procurando uma saída para os problemas existentes. O túnel, no conto, simboliza a desigual estrutura política e social que beneficia a sucessão de regimes autoritários, logo a ação de cavar outro túnel (feita por Rodi e seus companheiros) significa procurar brechas para desestabilizar a estrutura dominante e promover mudanças significativas (PACHECO, 2006, p. 58 – 59). O desmoronamento seria a intervenção de forças estrangeiras que dificultariam a desestabilização social dos governos e auxiliariam estes a reprimir sua população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito anteriormente, Roa Bastos aborda em suas obras elementos sociais e políticos, principalmente o autoritarismo e a instabilidade política do Paraguai no século XX. É interessante ressaltar que o escritor viveu diretamente esses momentos históricos, tendo participado da Guerra do Chaco, da Revolução de 1947 e presenciado toda a ditadura stronista. Antonio Candido, em seu outro ensaio "A literatura e a vida social", coloca que existe uma relação inextricável entre a obra, o autor e o público e que na medida em que as artes são um sistema simbólico da comunicação inter-humana, esta implica em uma tríade indissolúvel, onde o público dá um sentido verossímil a obra, já o escritor é o intermediário entre sua obra e o público (CANDIDO, 1973, p. 38-39). Assim, através dessas análises apresentadas por Candido, a situação política e social de uma época influencia na elaboração de uma obra literária.

O conto "La excavación" denuncia as injustiças dos governos autoritários que governavam o país e instável estrutura política e social da época. Vale lembrar que durante o período liberal (1904 – 1940) não havia democracia. Todos os governos começavam e acabavam decorrentes de golpes militares. Com a ascensão do Partido Colorado, essa situação não mudou. Roa Bastos, como citado anteriormente, apresenta uma história cíclica

dos fatos, onde não há mudanças nas estruturas. Adotando esse viés de interpretação, houve mudanças significativas nas estruturas políticas do Paraguai desde a Revolução de 1947? O Paraguai só foi conhecer uma democracia plena no ano de 1993, depois de quatro anos da queda de Alfredo Stroessner, apesar da historiografia destacar a participação política da população nas décadas anteriores. Entretanto, a situação política do país parece não ter mudado muito. Em 2012, acusado de não cumprir suas promessas, Fernando Lugo sofreu um golpe parlamentar, onde assumiu seu vice, Federico Franco, do Partido Liberal. Se os regimes autoritários acabaram, onde está a democracia?

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Brasil: nunca mais. Petrópolis: Vozes, 1985.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Tradução: Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CROCKETTI, Sandra (Org.). Nueva Historia del Paraguay. Tomo VI. Asunción: Editorial Hispana S.R.L., 1997.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

LEXICON, Herder. Dicionário de Símbolos. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

LOPEZ, Miguel H. Stroessner e “Eu”: a cumplicidade social com a ditadura (1954-1989). In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (Org.). A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina, volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MORAES, Ceres. Paraguai: A consolidação da ditadura de Stroessner - 1954-63. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PACHECO, Glória Elizabeth Saldivar de. Augusto Roa Bastos: O fazer literário como interpelação da história paraguaia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. (Dissertação de mestrado).

ROA BASTOS, Augusto. El trueno entre las hojas. Asunción: El Lector, 1997.

ROA BASTOS, Augusto. Eu, o Supremo. Tradução: Galeano de Freiras. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

ROSENFELD, Anatol. "Reflexões sobre o romance moderno". In: _____. Texto/contexto I. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROSSET, Clément. O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão. Tradução: José Thomas Brum. Porto Alegre: L&PM, 1988.

SANTACRUZ, Gilberto Ramírez. El maleficio y otras maldades del mundo. Asunción: Arandurã Editorial, 2008.

SILVA, Ronaldo Alexandre do Amaral e. Brasil – Paraguai: Marcos da Política Pragmática na Reaproximação Bilateral, 1954-1973. Um estudo de caso sobre o papel de Stroessner e a importância de Itaipu. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. (dissertação de mestrado).

YEGROS, Ricardo Scavone. "Guerra internacional y confrontaciones políticas (1920-1954)". In: TELESKA, Ignacio (Org.). Historia del Paraguay. Taurus. Asunción: 2010.